5

Considerações Finais

Nosso objetivo nesse trabalho foi investigar as influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal. Partimos da premissa de que toda família possui um conjunto de crenças, valores, princípios e padrões de atuação que definem sua psicodinâmica. Esse conjunto de elementos não só fundamenta as relações entre os indivíduos pertencentes ao núcleo familiar como também exerce um grau de influência nas gerações posteriores. Essas influências se manifestam em todas as áreas de atuação do novo casal de forma mais ou menos marcante. Alguns conteúdos transmitidos são absorvidos e metabolizados pelos herdeiros, outros conteúdos sofrem pouca ou nenhuma transformação, após serem assimilados. O novo casal é considerado o primeiro representante psíquico da herança da família de origem.

Nesse estudo de caso tivemos acesso a uma grande quantidade de material no qual aparecem conteúdos transmitidos não apenas em duas, mas em três gerações. A trama relacional descortinada a partir das entrevistas apresenta conteúdos referentes às projeções, às identificações parentais, à organização inconsciente do casal, aos conflitos relacionais familiares repetidos na conjugalidade, aos acordos inconscientes, às colusões, às transmissões inter e transgeracionais. A análise do material obtido foi realizada à luz da literatura sobre família, considerando as contribuições tanto do referencial psicanalítico quanto sistêmico.

Vários elementos vividos na primeira e na segunda geração reaparecem na história em construção da terceira geração, o novo casal. A repetição de comportamentos de gênero, o mito da traição, a infidelidade masculina, e as profecias auto-realizáveis constituem alguns elementos da transmissão presentes nesse estudo de caso e analisados sob a óptica trigeracional.

A literatura psicanalítica da transmissão psíquica aponta para uma relação existente entre a identificação com as figuras parentais e a organização inconsciente do casal. M. Filho se identifica com seu pai e reproduz em sua relação conjugal o padrão paterno, considerando Sandra um impedimento para a expressão livre de sua individualidade. Sandra se identifica com sua mãe, repetindo o padrão materno da crença na indissolubilidade do casamento. O casal

estabelece uma psicodinâmica semelhante à história das duas gerações anteriores, de modo complementar.

Em relação à concepção de casamento, M. Filho reproduz o modelo contraditório de seu pai que é transmitido a ele de forma velada. Embora apresente um discurso de valorização da conjugalidade, M. Filho trai Sandra e nega a traição, comportamento semelhante ao de seu pai em relação à sua mãe. Na linhagem materna de Sandra a transmissão ocorre, sobretudo, mediante a repetição trigeracional de crenças e de condutas de gênero. Avó, mãe e filha estão imbuídas de crenças semelhantes sobre o casamento, que deve ocorrer com o primeiro namorado, deve durar toda a vida e requer delas uma boa dose de sacrifício para mantê-lo. De modo semelhante à sua mãe, Sandra absorve o papel tradicional de esposa. Ambas estabelecem relações conjugais assumindo o papel de cuidadoras de seus respectivos esposos. Como tal, muitas vezes abdicam de seus próprios desejos em prol da manutenção do casamento. As concepções de casamento de M. Filho e Sandra contêm aspectos transmitidos multigeracionalmente. O novo casal estabelece uma dinâmica relacional complementar, modelo semelhante ao da família de origem de Sandra.

Segundo Willi (1978), indivíduos que possuem conflitos similares não superados tendem a projetá-los na relação conjugal, estabelecendo uma dinâmica que entrava o desenvolvimento da conjugalidade. A relação de Sandra e M. Filho representa o modelo colusivo oral no qual um parceiro atua de forma progressiva reforçando a dinâmica regressiva do outro. Sandra cuida de M. Filho ritualizando o mito materno do sacrifício no casamento para sua manutenção. M. Filho, por sua vez, ocupa na conjugalidade a posição de marido-filho, reforçando a dinâmica colusiva.

M. Filho, ao falar de sua expectativa sobre o casamento, faz referência a construir uma casa na roça, elemento presente na história familiar do pai. Sandra reproduz o padrão materno não relacionando o casamento à felicidade. Da mesma forma que sua mãe, Sandra não valoriza a individualidade na conjugalidade. Embora perceba a necessidade de fazer algo por si mesma, Sandra afirma ceder de boa vontade seus espaços individuais para ficar com o esposo.

Alguns padrões relacionais como o trato com o dinheiro e o lazer conjugal são reproduzidos na dinâmica do novo casal de forma semelhante ao modelo das famílias de origem de ambos os parceiros. Tanto na família de M. Filho quanto na

de Sandra a administração financeira fica a cargo das mulheres. Em relação ao lazer, o casal também reproduz modelos semelhantes aos instituídos em suas famílias de origem. O lazer conjunto deles praticamente não existe. Nas famílias de M. Filho e de Sandra o lazer girava em torno da família nuclear, não havia o lazer conjugal.

Esses fatos representam padrões interacionais repetidos intergeracionalmente. A forma como o novo casal interage e estabelece sua relação conjugal está relacionada ao modelo vivido em suas famílias de origem. Bowen (1978) afirma que seqüências repetidas de comportamentos originam modelos que se traduzem em normas para a relação. As transmissões se estabelecem por meio dessas normas, parâmetros da relação.

Alguns padrões de interação familiar são transmitidos a outras gerações mesmo quando os sujeitos se esforçam por evitá-los. M. Filho e Sandra incluem uma afilhada em seu convívio desde o início do casamento, repetindo simbolicamente os modelos parentais de ambos, nos quais os casamentos se estabeleceram a partir da gravidez. Com essa afilhada eles estabelecem uma triangulação. M. Filho, por meio da afilhada ganha liberdade para vivenciar seus encontros amorosos fora da conjugalidade. Sandra, de forma semelhante à sua mãe, renuncia parcialmente às suas desconfianças para manter o casamento. Em relação à comunicação, M. Filho reproduz o padrão paterno de desqualificação, reforçando a relação triangulada e evitando abordar assuntos relativos à traição.

O mito da traição perpassa as três gerações. Ele reaparece na terceira geração, o novo casal, como um fato predeterminado, um fato quase impossível de ser mudado. Nas famílias de origem dos parceiros do novo casal, os pais e avós de ambos, ocorreram episódios de infidelidade que geraram muito sofrimento. Temida e pouco discutida, a traição vivida na primeira geração foi enunciada como um fato a se repetir na segunda geração. Como um fantasma, o modelo de traição e negação reaparece na terceira geração. As profecias concretizadas na segunda geração ressurgem como uma predição a definir o destino da terceira geração.

Nesse estudo de caso, as profecias auto-realizáveis repetem-se intergeracionalmente. Olinda escutou de sua mãe o enunciado, posteriormente concretizado, sobre o destino de seu casamento: uma relação que não daria certo. Olinda, por sua vez, prenuncia o futuro do casamento de Sandra, equiparando o

comportamento de M. Filho ao de seu pai. A repetição do modelo de infidelidade de Marcelo é uma profecia enunciada na relação entre M. Filho e Sandra.

A trama relacional estabelecida ilustra como experiências procedentes do Édipo ou de outro momento marcante da história familiar de cada parceiro podem reaparecer na relação conjugal como uma tentativa de resolver questões não elaboradas. A revivescência de experiências infantis na relação atual indica a não aleatoriedade do encontro amoroso.

Observamos que, embora a repetição apareça de forma acentuada em vários aspectos na segunda e na terceira geração, os parceiros do novo casal elaboram e transformam parte da herança recebida. O casal valoriza, mais do que as gerações anteriores, o espaço da individualidade. M. Filho prioriza suas atividades esportivas e seu grupo de amigos. Sandra prioriza seu trabalho fora do lar, valorizando-o como um aspecto de sua individualidade, diferindo de sua mãe que abdicou do trabalho para dedicar-se à família. A relação afetivo-sexual do novo casal, também difere dos modelos parentais, na medida em que os parceiros apresentam diferentes demandas.

Segundo Granjon (2000), a transmissão é internalizada pelos diferentes membros de uma família de forma singular. A expectativa e as fantasias do sujeito associadas à história de cada um transformam a herança recebida. Ao assumir o legado, o sujeito apropria-se da herança recebida imprimindo sua marca singular na história.

Consideramos que, além disso, outras influências do contexto sociocultural incidem sobre a herança. A valorização da individualidade e o culto ao hedonismo ou à busca do prazer sexual são elementos marcantes da contemporaneidade.

A conjugalidade representa um terreno favorável para a reedição do romance familiar e para a elaboração das vivências infantis possibilitando o desenvolvimento do psiquismo do casal (Magalhães e Féres-Carneiro, 2001). As tramas intersubjetivas presentes na primeira e na segunda geração dos casais parentais reaparecem de forma mais ou menos marcante na dinâmica da terceira geração. Sandra e M. Filho reproduzem em seu casamento suas histórias familiares, seus mitos, suas crenças, as expectativas e desejos de seus pais, sua herança, enfim. As histórias e as expectativas do casal aparecem entrelaçadas na construção da vida em comum.

Ao investigarmos as influências da família de origem na formação do laço conjugal no novo casal, vários elementos descortinaram-se significativamente. Nesse estudo de caso observamos a transmissão e repetição de padrões interacionais em um sistema trigeracional. A trama intersubjetiva familiar, as identificações parentais, o modelo de comunicação, os valores, as crenças, os enunciados, os desejos parentais não satisfeitos e os medos foram alguns dos elementos que denunciaram as repetições intergeracionais.

Embora os sujeitos componentes dos subsistemas estudados nem sempre convivessem no mesmo espaço, as repetições de padrões relacionais multigeracionais demonstram que as relações entre eles mantinham-se significativas. Padrões interacionais de uma família podem ser sustentados ou modificados em gerações posteriores de acordo com a história do sujeito e com as trocas intersubjetivas.

Em nosso estudo de caso, a investigação das repetições em três gerações contribuiu para a compreensão da constituição da identidade do novo casal e do sistema familiar. Determinadas repetições de padrões interacionais multigeracionais apresentam-se como funcionais e fornecem uma distinção específica ao casal. Outras repetições impedem o crescimento e a mudança do sistema conjugal, mantendo-o em uma condição disfuncional. Entender os mecanismos da repetição que geram interações disfuncionais contribui, sobretudo, para o aprimoramento de recursos para a clínica do casal, na qual tais fenômenos podem ser discutidos, elaborados e transformados.